

A NAVALHA ITALIANA

Nos balcões das antigas Casas de Comércio, das nossas saudosas Vendas de Secos e Molhados, impregnados de costumes como os do Granucci, ouvi atentamente a fala de um antigo morador de Italiápolis, remanescente das últimas levas de imigrantes italianos.

Anotei a conversa curiosa, quase jovial, sobre o nível do saber e da influência dos barbeiros na política local. Sem nenhuma consciência, esses profissionais da navalha foram adeptos da Filosofia das Luzes; confiaram na razão e no progresso.

Os bons políticos, os bons administradores da coisa pública freqüentavam as nossas barbearias atentos aos ensinamentos desses profissionais.

O barbeiro foi grande fonte de informações, fiscal de todas as áreas que durante as suas atividades, trocando idéias com o freguês montavam ótimos projetos de lei.

É o miúdo social que faz o povo feliz.

A barbearia foi um Conselho Municipal preocupado com o bem estar e com a segurança, com a ilustração dos munícipes, onde chovia sugestões, algumas bem viáveis.

Os antigos barbeiros foram profissionais zelosos pela auto-estima alheia, ao mesmo tempo um condutor de diálogos técnicos da Psicologia Clínica na busca de soluções dos conflitos.

Italiápolis, até por volta de 1.950, foi rica em conselheiros e psicoterapeutas da navalha, despercebida herança das avós. As mulheres, as mais delicadas e habilidosas trouxeram da Europa a arte de cortar o cabelo, aparar a barba e outros princípios de higiene como polir os dentes com o carvão da madeira do pinho.

Quando por aqui chegaram, mergulhadas em seus colchões as jovens esposas, travesseiro entre as pernas, impunham a ordem --- 'capelluto e barbone, per niente'.

Dai o costume do banho, do barbear-se, da água de cheiro antes do encontro com a namorada.

Em 1.929, em plena quebradeira das bolsas e não tendo nada a fazer, resolvi fazer a barba, disse-me o narrador apoiando-se no balcão do Granucci.

Andando pela rua do Padre, como se dizia na época, bem no Ponto da Jardineira, entrei na Barbearia do Marinacci.

Uma sala pequena, uma só porta de madeira servindo como entrada aos fregueses e a família do italiano Marinacci. O barbeiro, um senhor de uns 40 anos de idade,

moreno claro, bigodes aparados, cabelos pretos escorridos, falava pouco e o pouco em italiano.

O Marinacci trabalhava bem vestido, calças escuras, camisa branca, gravata borboleta e um colete que lhe dava um charme de ator de cinema.

Perguntei-lhe, disse-me o idoso contador da história, com quem aprendera a profissão, elogiando a sua maneira de segurar a navalha e a leveza de movimentos.

--- Com minha mãe Leticia.

--- E a D. Leticia, onde poderei encontrá-la?

--- Nos fundos, na cozinha, cuidando do neto que nasceu o mês passado.

--- Parabéns! Caspita, filho homem!

Como estudante dos costumes fui analisando os detalhes da narrativa e senti que o senhor buscava, na época, algo mais, disfarçado numa simples curiosidade. Alguma confidência!

Terminada a barba, paguei-lhe com uma moeda e visto o meu paletó como que me preparando para sair. O barbeiro pegou-me pelo braço, dizendo-me --- e a D. Leticia? Não deseja conhecê-la? Venha comigo.

Entramos por uma sala modesta de assoalho barulhento e daí para a cozinha, uma grande mesa e um fogão de rabo com uns 3 metros de comprimento. A D. Leticia, sentada numa cadeira empalhada, ninava uma criança de colo.

--- Dona Letícia, sou apenas um amigo, disse-lhe com deferência, desejoso em saber do Giuseppe, seu marido!

A senhora levantou-se ajeitando a criança e sumiu por uma das portas. Imaginei que não desejando falar comigo saíra assim sem mais sem menos, mas logo em seguida retornou convidando-me a sentar.

--- O Giuseppe é morto; o que o senhor desejaria saber?

--- Dona Letícia, não querendo ser atrevido, a que família a senhora pertence?

--- Chegamos ao Porto de Santos em 1.893, eu, mais dois irmãos e meus pais. O meu pai é da famiglia Biella, de Lentiscosa e minha mãe da Famiglia Cernicchiaro.

--- Caspita, tutti noto! --- disse-lhe sorrindo na língua oficial da Vila.

--- Aqui me casei com o Giuseppe, prosseguiu a 'nonna', a pedido do padre Gaetano que dirigia a Casa Paroquial.

--- Então é vero, o Giuseppe e o Cárminni foram amigos?

--- Quem? O Cárminni? Sim, muito, andavam juntos. Ensaíavam juntos! Tanto que o Padre Chefe pediu ao meu pai para me casar com o Giuseppe, "e acabar co'as chiacchieras na igreja".

--- O seu filho disse-me que aprendeu a profissão com a senhora? 'È vero?'

--- 'É vero'. Passei a ele o que aprendi com o Cárminni, um artista, um grande oficial de barba e cabelo e dele herdei algumas ferramentas como a navalha que lhe fez a barba.

--- Aonde o Cárminni ensinava tudo isso?

--- Na Casa Paroquial. As italianas novas aprenderam essa profissão e outras como bordar, costurar, a música, pintar quadros, coisas assim que o Cárminni sabia muito bem. Ele foi o braço direito do Padre Chefe, "un invertito e fine professore".

Nesta altura alguém interrompeu a narrativa do nosso velho imigrante italiano e nada mais me disse.

Embora o tenha provocado sobre as andanças do Cárminni, de sua participação no Coral da Igreja, "do peso do schifo", etc., o silêncio foi tumular.

Portanto, meu caro leitor, o dropes da malícia ficará para um outro momento. Humor sim, grosseria não.

Deste modo teria se iniciado mais um campo de trabalho em Italiápolis, a profissão de barbeiro, dos famosos e ilustrados barbeiros italiapolitanos. 'Tutti maschi!'

A 'nonna' Leticia caiu do Céu.

O balcão do Granucci ajudou-me sobremaneira, porém deixou um rastro de indiscretas dúvidas sobre o "coral da igreja com idéias sicilianas, uma espécie de força organizada" e responsável, naquele tempo, pela segurança pública.

Terei que voltar ao assunto, pesquisar e ouvir mais. O que sei da “amizade” de ambos, Cármini e Giuseppe, é que faleceram em 1.922. ‘Triste coincidenza!’